

Não vale a pena

Antônio Sampaio Júnior, valoroso tarefeiro do Centro Espírita "Regeneração", do Rio de Janeiro, era humilde servidor num escritório.

Zeloso, correto, madrugador.

Certa feita, mal havia espanado os móveis pela manhã, para sentar-se à máquina de escrever, foi procurado por amigo situado no comércio do Rio.

— Sampaio — disse o visitante, sem rebuços —, sei que você é espírita e esfalfa-se, há muito tempo, enfrentando dificuldades. Quanto você ganha mensalmente?

— Quatro mil cruzeiros.

O homem fez um gesto irônico e observou:

— Não vale a pena.

E prosseguiu:

— Não ignoro que você tem deveres de caridade na instituição que frequenta, socorrendo órfãos e amparando viúvas... Como é que você arranja numerário para esse fim?

— Gasto o que posso, e, quando a despesa ultrapassa os recursos, tenho amigos... Faço listas, apelos...

— Não vale a pena.

— Estou informado de que você visita os infortunados nos morros, às vezes com sacrifício da própria saúde... Aproveita decerto o carro de alguém...

— Não disponho dessa facilidade. Temos bonde à porta e, depois do bonde, faz sempre bem uma caminhada a pé...

— Não vale a pena.

— Disseram-me — continuou o homem — que você, às vezes, passa noites à cabeceira de enfermos... Naturalmente, o diretor faz concessões... Boa cama no dia seguinte, ponto facultativo...

— Não é bem assim — falou Sampaio, humilde —, nem sempre posso visitar os doentes, mas, se o faço, meu dia de serviço corre normal...

O amigo meteu a mão no bolso interno, trouxe à luz um documento e abriu-se, por fim:

— Pois é, Sampaio, admirando você como sempre, resolvi auxiliá-lo de vez. E' tempo de você melhorar. Preciso de um sócio para um *negócio da China*... Três milhões de cruzeiros. Você assina comigo a papelada e acompanharei todo o assunto... Gastaremos talvez uns quinhentos contos na tramitação do pro-

cesso... E' um navio velho que vamos desen-cravar... Tudo pronto, você e eu ficaremos provàvelmente com mais de um milhão cada um. Basta só que você assine...

Sampaio, sem desejar ofender, perguntou:

— Creio na lisura da iniciativa, mas há algum inconveniente a considerar?

— Bem, o assunto envolve alguns interes-ses de repartições públicas, mas temos noventa e nove probabilidades a nosso favor...

— E se falharem as noventa e nove?...

— Ah! Se vier o contra — informou o amigo, evidentemente desapontado —, teremos entrevista no Distrito Policial.

Sampaio, sem perder a serenidade, falou simples:

— Não vale a pena.

E recomeçou a espanar.



9

Claudino e a lavoura

Entre Barra do Piraí e a vila de Juparanã, no Estado do Rio, Cláudio Dias, denodado seareiro espírita barrense, havia plantado grande milharal de parceria com um amigo.

O sócio, lavrador de prol, cuidava da gleba, e Cláudio, que aceitara o negócio na intenção de ajudar uma instituição de caridade, financiava o cometimento.

De vez em vez, os dois, juntos, iam namorar a cultura viçosa de que as águas do Paraíba eram farto sustento.

Surgindo a época das espigas iniciantes, mãos anônimas começaram talando a roça.

— Sr. Cláudio — vinha José, o sócio, notificar, dia a dia —, o produto está sendo surripiado. Alguém está fazendo *comércio* de milho verde, à nossa custa.

— José — recomendava o amigo —, vigie com critério. Se você apanhar o responsável, não faça violência. Dê conselhos...